

ASPECTOS DO ESTILO CAMILIANO EM EUSÉBIO MACÁRIO
COMENTÁRIOS

Onofre de Freitas*

"Le style n'est qu'une manière de penser...
Le style est autant sous les mots que dans
les mots. C'est autant l'âme que la chair
d'une oeuvre".

Gustave Flaubert

O estilo é a paisagem interior do artista. O estilo é o modo de ser do artista; é a sua maneira de ver e sentir a realidade. Esse ser e esse ver e esse sentir do artista importam muita vez em contestar o mundo, o outro, o próprio destinatário da expressão. Daí que o estilo represente a quebra da norma. Quanto ao estilo de Camilo em EUSÉBIO MACÁRIO, esta quebra vai além, pois que aí Camilo contesta a si próprio.

A minha tese é que, em EUSÉBIO MACÁRIO (e especialmente, em "A CORJA"), Camilo combinou o melhor de si com o melhor dos outros, assimilado aos mestres estrangeiros (sempre faz alusões a eles) e aos discípulos que estes já contavam em Portugal. Desta associação resultou um estilo novo e raro em Camilo: equilibrado, descriptivo, dialético e impensoal, embora sempre cáustico e verboso.

Ernesto Guerra Da Cal, no item 2 da Introdução de LÍNGUA E ESTILO DE EÇA DE QUEIRÓS (Editora da Universidade de São Paulo, Rio de Janeiro, 1969, p. 50 e 51) assevera:

"Fidelino de Figueiredo, que vê na "luta pela expressão" o núcleo e o problema central da criação literária, identifica, num dos seus sugestivos ensaios, os termos "arte" e "estilo", vendo em Eça de Queirós o mais flagrante e eficaz exemplo desta equação. E nestas mesmas páginas, pergunta-se o ensaísta qual seria a essência desse estilo queiroso, tão reiteradamente louvado e tão tenazmente perseguido pelo seu criador durante toda a sua vida.

* Professor Titular de Literatura Portuguesa da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Católica de Minas Gerais.

Eis uma pergunta de difícil resposta. Reconhecer um estilo, defini-lo em termos abstratos e gerais, através da impressão que ele nos causou, é empresa relativamente fácil e até frequente; mas determinar e explicar sua essência e estabelecer sua fisiologia é um problema dificílimo do qual é preciso aproximar-se com humildade, reconhecendo de antemão a impossibilidade de o abranger na sua totalidade ou surpreender seu mais íntimo segredo".

Mais adiante, no capítulo V ("COORDENADAS EXTERNAS E INTERNAS DA PROSA QUEIROSIANA"), ao estabelecer as características determinantes do estilo de Eça, o mesmo Da Cal assenta a seguinte distinção:

"para isto teríamos que estabelecer duas grandes categorias gerais. De um lado, aqueles caracteres estilísticos cuja índole poderíamos chamar exógena, isto é, aqueles que não dependem diretamente do "eu" artístico do escritor, mas que lhe são transmitidos, na sua origem, pela época, pela influência difusa de elementos estéticos que flutuam no ambiente literários de um período, e que constituem um "bric-à-brac" de propriedade comum ou de grupo, que cada autor utiliza dentro desse tom comum, imprimindo-lhes, no entanto, um cunho pessoal, carregando-os de significado próprio.

.....

Por outro lado, devem ser considerados outros elementos a que chamariamos endógenos, nascidos do temperamento do autor, inerentes à sua própria natureza" (Opus cit., p. 66 a 67).

A citação tem propósito porque nos dá as coordenadas para o exame do estilo de Camilo em EUSEBIO MACÁRIO; especialmente, serve-nos como roteiro para a demonstração da tese já colocada. Retomemos a meada, raciocinando com base no ensinamento de Da Cal: "arte" e "estilo" correspondem, respectivamente, a elementos exógenos e a elementos endógenos, correspondência que nos permite esta dedução:

{arte}: {elementos exógenos} :: {estilo}: {elementos endógenos}

auto-realização estética = arte + estilo

Esta auto-realização estética reside na identificação da arte e do estilo, equação de que Fidelino de Figueiredo reconhece ter sido Eça de Queirós o mais flagrante e eficaz exemplo. Pois deste exemplo se aproxima Camilo no romance EUSEBIO MACÁRIO.

A resumir o consenso geral da crítica de cá e de lá, será correto afirmar: - Ninguém como Eça tem tanto estilo e tanta arte, assim como ninguém como Camilo tem tanto estilo. Com efeito, o escritor de EUSEBIO MACÁRIO (romance hoje centenário - 1879/1979) possui uma maneira inimitável, tanto que, para lhe igualar o estilo, haveria quem quer o imitasse de viver a sua vida agitada, possuir o seu temperamento irrequieto e herdar os seus descarregos de família ("o despotismo do sangue" . como diria ele próprio!); juntar a tudo isso a leitura assimilada de todos os bons clássicos, primordialmente os prosadores clérigos e juristas dos séculos XVII e XVIII. A diferença, em verdade, entre Eça e Camilo decorre da diferença dos períodos literários a que se filiou cada qual; quero dizer: Camilo se formou literariamente no período romântico, em que se acentuou a supremacia do "EU" (=fortalecimento do estilo), enquanto Eça se foi juntou no cadinho realista, cuja ânsia primeira foi a valorização estética do texto pelo apuro da forma (o que significa a auto-realização estética pela fusão de arte mais estilo).

Em Camilo, no geral, predominam os elementos endógenos sobre os exógenos - o que equivale aos termos da proposição "Camilo tem mais estilo do que arte". Isto explica o paradoxo de possuir Camilo uma linguagem quase barroca e arcaica, sendo romântico posterior a Garrett e Herculano.

Neste ponto, eis que temos estabelecido as premissas de que evoluir para as conclusões confirmativas da tese proposta. Comprove-mo-la. Antes, porém, de nos abalancarmos a tarefa tal, permita-se-nos a colocação histórica do romance centenário: - EUSEBIO MACÁRIO assim como A CORJA (este é continuação daquele) advieram de uma apostila entre o seu Autor e Ana Plácido:

"Minha querida amiga,

Perguntaste-me se um velho escritor de antigas novelas poderia escrever segundo os processos novos, um romance com todos os "tiques" do estilo realista. Respondi temerariamente que sim e tu apostaste que não. Venho depositar no teu regaço o romance

e na tua mão o beijo da aposta que perdi".

(Dedicatória de EUSÉBIO MACÁRIO)

Tal informe vem de molde a nos precaver de que a elaboração dos dois romances não se deveu à adoção por Camilo da estética naturalista, em decorrência da aceitação da mesma estética, pelos seus fundamentos e princípios, e, portanto, pelo convencimento da sua validade como processo artístico mas, pelo contrário, em atitude de declarada aversão senão indiferença pela escola de Zola. Explicando melhor: em EUSÉBIO MACÁRIO Camilo usa os recursos e técnicas da estética naturalista (elementos exógenos) em evidente situação ambígua, com a patente intenção de satirizar os discípulos de Zola. Feito este esclarecimento, passemos à consideração geral do principal aspecto do estilo camiliano no romance centenário:

a) Em EUSÉBIO MACÁRIO deparam-se dois aspectos em oposição, a saber: os elementos pertencentes ao estilo naturalista (EN) (elementos exógenos) e os elementos que definem o próprio estilo de Camilo (EC) (elementos endógenos). Esquematizando:

EUSÉBIO MACÁRIO (EM) = estilo naturalista (EN) + estilo camiliano (EC)

ou seja:

$$\begin{cases} \{EM\} = \{EN + EC\} ; \\ \{EN\} : \{el. exógenos\} :: \{EC\} : \{el. endógenos\} \end{cases}$$

$$\{EN\} \neq \{EC\} = \{\text{estilo naturalista}\} \neq \{\text{estilo camiliano}\}$$

b) Como corolário da equação anterior, conclui-se que o estilo de Camilo, em EUSÉBIO MACÁRIO, é o estilo parodístico, carnavalesco e dialógico, como o define Bakhtine no relato de Kristeva (*Introdução à Semanálise*, Ed. Perspectiva, São Paulo, 1974).

Camilo se apropria do discurso naturalista em oposição ao seu próprio, postos ambos em sincronia dialógica entre si e inter-textual. Pelas alusões, que são constantes, fere o CORPUS literário e o contexto social sincrônico/diacrônico, atitude de que resulta do o vigor satírico do seu estilo, quando se arremete contra a escola de Zola. Portanto:

$$\{EM\} = \{DN\} \times \{DC\} = SÁTIRA$$

Tentemos comprovar:

19) Apropriação do "discurso naturalista"(DN):

Esta apropriação começa pelo cognome da personagem - título "MACÁRIO" (que joga foneticamente com "MACQUART", de Zola), à semelhança da personagem-título do romance queirosiano *O CRIME DO PADRE ÁMARO* ("AMARO" igualmente combina com "MAURET", de Zola). Pela simples adoção do nome de "MACÁRIO" (Macário:Macquart::Amaro:Mauret), Camilo consegue a "blague", a "charge" e remete à consideração dialógica do contexto literário epocal contemporâneo.

A profissão de "MACÁRIO" (é farmacêutico) também traz a intenção de opor a personagem ao contexto cultural, ao cientificismo, aos processos fisiológicos do naturalismo. "MACÁRIO" reveste o seu próprio discurso de ironias com que questiona a validade dos recursos da moderna farmacologia. Considere-se, por exemplo, esse passo:

"Assim era; porém, não o queria formado em escolas modernas (refere-se ao filho - José Macário), como o outro, o Viegas, o contuso a fueiro, o da Rosa Canelas, e vários outros que saíam dos estudos, dizia, cheio de bazófia, com muitas farfalfhices modernas, e doente que lhes caísse nas unhas era defunto. Contava muitos casos de moribundos a que ele valera, com as suas receitas; questões que tivera com doutores garraios, uns burros que receitavam moxinifadas de França, e o Lacroix, um purgante que relaxava a máquina interior, e punha o enfermo na espinha, desfazendo-lhe o fato. Ele chamava fato aos intestinos baixos, e tudo o que estava para cima era bofes".
(Cap.III,p. 613)

Consoante os objetivos e processos dialéticos da escola satirizada, Camilo subordina o seu discurso carnavalesco a uma tese social-psicológica (como convém a todo romance naturalista bem urdi do); subtendida já em a Nota Preambular da obra e no subtítulo "História Natural e Social de uma Família no Tempo dos Cabrais" (aqui ainda uma vez se apreende a intenção parodística com endereço ao epí-gono da escola: "Histoire naturelle d'une famille sous le second Empire"), - esta tese, ao fluir da leitura, advinha-se, não é outra: "o homem como um animal que digere e que se reproduz"

É o que se infere da maneira estilística bem camiliana(irônica, mordaz) de introduzir e apresentar as personagens:

"Eusébio Macário ofegava, enxugava com o lenço de Alcobaça, pulverulento de meio-grosso em pastas esmoncadas, as rosas do pescoço que porejavam as exsudações da carne opilada de um farto jantar. Ele tinha feito anos neste dia e encherá-se de capão com arroz açafroado e de muito vinho de Amarante, com muita aletria engrossada de ovos e letras de canela". (Cap. I, p. 600).

"Eusébio tinha gamão e damas; sabia fazer ladroneiras com os dados; jogava a pataco a partida, e dizia muitos anexins obrigatórios. O parceiro era o abade, um patusco, com chalaça, egresso domínico, o Padre Justino de Padornelos. Tinha menos de quarenta anos, muito gasto e puído dos atritos sensuais, comido de vícios, com os fluidos nervosos degenerados e as articulações perradas de reumatismo e outros ataques contígentes de sangue depauperado. Eusébio Macário teimava que o complexo das moléstias era resultado de espinhela caída complicada com flatulências. Contava casos, curas, milagres e queria pôr-lhe o em pastro confortativo. - E vinho do Porto - dizia catogórico - pingas do velho, e carne assada na brasa para esse bucho quanta la couber, e sopas de vinho, e de femeaço pouco, e piscava o olho esquerdo". (Cap. I, p. 602).

A personagem, se mulher, alia aos predicados femininos, a indispensável habilidade culinária; com aqueles encanta, e com esta mantém a saúde ativa do seu homem; quando masculina, a personagem vive o seu destino de comedora insaciável (e come que come, nas várias isotopias do verbo):

"Era uma mulheraça frescalhona, de uma coloração sangüinea, anafada, ancas salientes, de trinta e cinco anos, muito lavada, a cheirar às frescuras do linho perfumado de alfazema". (Cap. I, p. 603)

Esta é Felícia, que, no Cap. II p. 608, oferece os seus prestimos culinários ao Abade Justino:

"A criada que cozinhava era uma sostra, não sabia fazer caldo de franga, deitava-lhe azeite e comia metade, lavando pouco as tripas da ave. Ele ati-

rou-lhe com a malga cheia daquela água gordurosa, chamando-lhe borrachona, porca e estupor maligno. Ninguém o queria servir. Felícia foi visitá-lo, e desatou a chorar quando o viu febril, com os olhos esbugalhados, encarniçados, a suar, praguejando que o matavam, que morria para ali como um cão vadio, sem ter quem lhe chegassem uma tigela de substância de galinha, uma miséria!

E Felícia compadecida:

- Se quer, eu venho fazer-lhe os caldos, que isso sei eu fazer a preceito".

Para não me alongar muito, buscarei apenas mais uma amostra, esta em que, ao pincelar o perfil do Abade Justino, Camilo conclui:

"Não tinha ideal; era um estômago com algum latim e muitas féculas". (Cap. I, p. 603).

A tese camiliana sustentada em EUSÉBIO MACÁRIO está coerente com o discurso carnavalesco e com a sátira menipéia esposada pelo Autor: na menipéia se centram a MORTE e o SEXO - polos extremos, ao mesmo tempo excludentes e aglutinantes, equivalentes ao termos a que se reduz toda essência mítica universal: a luta entre TANATOS e EROS, luta que gera a VIDA. Em esquema:

$$\{EM\} = \left[\{homem\} : \{aparelho digestório\} + \{aparelho genital\} \right]; \\ \text{ou seja:}$$

$$\{EM\} = \left[\{homem\} : \{estômago\} + \{sexo\} \right]; \\ \text{ou ainda:}$$

Tese camiliana em EUSÉBIO MACÁRIO =

$$\{VIDA\} = \left[\{TÂNATOS\} \times \{EROS\} \right]; \\ \{TÂNATOS\} : \{estômago\} :: \{EROS\} : \{sexo\};$$

$$\{VIDA\} = \left[\{estômago\} \times \{sexo\} \right]$$

29) Dialogismo "Discurso Naturalista" versus "Discurso Camiliano"

O cientificismo de Camilo adquire o tom de "blague" que se accomplica do discurso de Macári o como personagem-eixo (de modo muito particular nos lances de discurso indireto livre, em que autor e personagem se somam e se confundem. Senão vejamos.

"Ele, quando bateu no cirurgião adúltero, vin-
gava a sua honra de marido e a sua ciência medicinal,
ultrajada pela galhofa do doutor. Ele tinha uma gran-
de celebriade adquirida na cura das almorreimas, de
lombrigas, curava fígados no lado esquerdo, e cursos
de toda a casta, diversas comichões, em alporcas era
infalível, e tinha receitas para moléstias secretas
que nunca falharam". (Cap.III, p. 613).

Como se percebe, quando Camilo se apropria do discurso naturalista, converte-o em sátira menipéia. Não o adota com seriedade, à maneira convicta de um naturalista professo; porém faz dele uma re-leitura através de Eusébio Macário - que é o personagem caricatural.

Toda a farmacodinimia de Eusébio Macário é anti-científica (apóia-se no empirismo sertanejo e num receituário que herdara do seu avô): são mezinhas homeopáticas, se tanto, expostas num linguajar plebeu (minhoto) (ver Cap.III, p. 613 e 614).

Cumpre salientar ainda a eloqüência do diálogo travado entre o discurso camiliano e o discurso naturalista, através da personagem José Macário (filho de Eusébio) e centrado nela. Por intermédio desta personagem, em especial, Camilo contrapõe ao seu próprio discurso carnavalesco uma inversa re-leitura de sua própria re-escritura em EUSÉBIO MACÁRIO. José Macário, o Fístula, converte-se, na isotopia em que ora nos colocamos, no significante de ilação da "hereditariedade inconsciente dos aleijões de família" (Advertência, p.598), da mesma forma que o é Custódia (Baronesa do Rapaçal, sua irmã). Esclareço: - O apelido de José Macário é Fístula (fístula = med. Úlcera profunda; fig. Sujeito de mau caráter. Cf. Aurélio); este apodo funciona como determinante semântico e conota a intenção de Camilo (e isto é bem estilístico) em converter a personagem em signo afirmativo da herança fisiológica legada por Eusébio e Rosa Canelas ao casal de filhos que compõem, com os pais, "a corja dos Macários" (como dizia o Abade Justino). Em equação:

$$\{ \text{Eusébio Macário} \} + \{ \text{Rosa Canelas} \} : \{ \text{mau caráter} \}$$

• •

$$\{ \text{José Fístula} \} : \{ \text{mau caráter} \} :: \{ \text{Custódia} \} : \{ \text{mau caráter} \}$$

Por esta dedução vai-se ao seguinte:

$$\{ \text{Eusébio Macário} \} : \{ \text{TESE} \} :: \{ \text{Rosa Canelas} \} : \{ \text{ANTÍTESE} \} ::$$

:: { José Fistula } + { Custódia } : { SÍNTESE }

Este raciocínio nos coloca diante do silogismo dialético, somando a tudo já posteriormente demonstrado que o estilo camiliano, em EUSEBIO MACÁRIO, também assimilou, re-leu e re-escreveu o Idealismo Hegeliano tão em voga no contexto realista.

Finalmente, outro aspecto naturalista presente em EUSEBIO MACÁRIO são as descrições minuciosas de ambientes, buscando a integração da personagem com o meio (homem = produto do meio - tese realista-naturalista). Ora, o estilo descritivo convém ao espírito observador, ao escritor propenso às análises. Camilo sempre se mostrou superficial na observação e no exame da realidade; sua índole pende para a acumulação dos fatos, não para a racionalização e perquirição das causas e dos efeitos deles. É o que se repete, amiúde, acerca do Autor da mais quantiosa obra novelesca de todos os tempos: que é afeito à narração, que é o maior contador de histórias, que conta até a própria vida, quando não pode, por ignorância, contar a alheia. Pois cá está uma novidade: em EUSEBIO MACÁRIO, Camilo, travestido de romancista naturalista, casa toda a força estilística do narrador magistral com a riqueza do estilo minucioso imitado aos mestres realistas. Seria ocioso estender-me em transcrições demoradas; baste-me lembrar aquele trecho da morte do lobo (Cap.II, p.609) que terei apontado, entre tantas, uma das mais eloquentes amostras do equilíbrio narração-descrição que se possa esperar de um estilista-mestre.

39) O Discurso Camiliano propriamente dito

Quanto ao discurso camiliano propriamente dito (o seu estilo habitual) com todas as suas virtudes e defeitos, ninguém melhor o apontaria e radiografaria em todas as sutilezas filológicas do que já o fizeram Jacinto do Prado Coelho e o preclaro Mestre Aires da Mata Machado Filho. Será proveitoso que nos abeberemos diretamente na fonte.

BIBLIOGRAFIA

Castelo Branco, Camilo - OBRA SELETÁ. Organização, seleção, introdução e notas de Jacinto do Prado Coelho, Editora José Aguilar Ltda., Rio de Janeiro, 1960, volume II.